

# Ecologias das mídias, movimentos sociais e ativismo<sup>a</sup>

## *Media ecologies, social movements and activism*

EMILIANO TRERÉ<sup>b</sup>

Universidade de Valência. Valência, Espanha

Universidade de Cardiff. País de Gales, Reino Unido

### RESUMO

A teoria da ecologia das mídias constitui uma lente essencial para compreender as complexas relações entre mídias, movimentos sociais e ativismo. Este artigo analisa como diferentes níveis de engajamento — desde menções superficiais até aplicações teóricas robustas — moldaram os estudos sobre movimentos sociais e ativismo (MovAct). São exploradas quatro tradições ecológicas: a teoria do meio, a ecologia da informação, as ecologias comunicativas e as concepções baseadas em Guattari e Fuller, todas com ênfase na materialidade tecnológica e na interconexão das práticas comunicativas. O texto analisa contribuições centrais (como a superação do dualismo entre on-line e off-line, a relevância das mídias tradicionais e a crítica às plataformas digitais corporativas) e áreas de divergência, defendendo uma abordagem flexível e “impura” das ecologias midiáticas e das práticas ativistas em constante evolução.

**Palavras-chave:** Ecologia das mídias, movimentos sociais, ativismo digital, tecnologias da comunicação, mídias alternativas.

### ABSTRACT

Media ecology theory offers a vital lens for understanding the complex relationships between media, social movements, and activism. This article examines how different levels of engagement—from superficial references to deep theoretical applications—have shaped MovAct studies. It explores four ecological traditions: medium theory, information ecology, communicative ecologies, and approaches inspired by Guattari and Fuller, all emphasizing technological materiality and communicative interconnectedness. It analyzes key contributions (overcoming online/offline dualism, stressing old media,

<sup>a</sup> Trata-se de versão traduzida pela empresa Editora Ibero-Americana, do original em inglês “*Media ecologies, social movements and activism*”, originalmente publicado em Coleman, S. & Sorensen, L. (2023). *Handbook of Digital Politics*. 2. ed. Cheltenham, UK/ Northampton, USA: Edward Elgar Publishing. pp. 313-326.

<sup>b</sup> Emiliano Treré é Professor na Universidade de Valência e Reader na Universidade de Cardiff. Sua pesquisa se concentra em mídia, ativismo, justiça de dados e práticas tecnopolíticas. É autor de vários livros, incluindo *Algorithms of Resistance* (2024, com Tiziano Bonini), e codiretor do Data Justice Lab.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2496-4571>  
E-mails: [etrere@gmail.com](mailto:etrere@gmail.com); [Emiliano.trere@uv.es](mailto:Emiliano.trere@uv.es).

critiquing corporate platforms) and areas of disagreement, and advocates a flexible, “impure” understanding of evolving media ecologies and activist practices.

**Keywords:** Media ecology, social movements, digital activism, communication technologies, alternative media.

### A RELEVÂNCIA DA TEORIA DA ECOLOGIA DAS MÍDIAS PARA O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E DO ATIVISMO

N A ÚLTIMA DÉCADA, estudiosos interessados em ativismo digital e movimentos sociais passaram a recorrer ao referencial da ecologia das mídias para compreender as complexas interações entre ativistas e tecnologias midiáticas. A força desse olhar conceitual reside em sua capacidade de reconhecer, explorar e desvendar as complexidades comunicativas das práticas ativistas. Esse arcabouço teórico tem permitido a diversos pesquisadores entenderem como mídias e movimentos se moldam mutuamente de maneiras complexas, criativas e, muitas vezes, imprevisíveis.

Neste capítulo, pretendo lançar luz sobre essa área emergente de estudos, refletindo sobre suas principais forças e limitações, apresentando minha perspectiva sobre o tema e destacando prioridades centrais para investigações futuras. É importante esclarecer que o interesse na adoção da lente da ecologia das mídias parte de disciplinas heterogêneas e áreas de estudo frequentemente interligadas: ciência política e sociologia, estudos de mídia e jornalismo, mídia cidadã e ativismo digital. Além disso, essa área nascente de investigação tem incorporado, de forma crescente, disciplinas tão diversas quanto Estudos de Ciência e Tecnologia, estudos da memória, estudos de dados e algoritmos, artes, humanidades, estudos de *design* e arquitetura ambiental.

Nas próximas seções, utilizarei o acrônimo MovAct para indicar a convergência entre os estudos sobre movimentos sociais e o ativismo. Embora haja muitas sobreposições entre essas duas áreas, os estudos sobre ativismo também englobam manifestações mais individuais de ativismo, que não estão necessariamente ligadas a movimentos sociais ou a formas mais organizadas de ação coletiva. O campo MovAct tem dialogado com a teoria da ecologia das mídias de diversas maneiras, as quais serão abordadas nas seções seguintes.

### NÍVEIS DE ENGAJAMENTO E VARIEDADE DAS TEORIAS DA ECOLOGIA DAS MÍDIAS NOS ESTUDOS MOVACT

As ecologias midiáticas abordadas nas análises do campo MovAct geralmente não são claramente definidas em seus elementos constitutivos, tampouco se

explicita qual tradição ecológica específica (ou quais tradições, em alguns casos) está sendo utilizada. De modo geral, existem três níveis de engajamento com a teoria da ecologia das mídias nos estudos sobre movimentos e ativismo (Treré, 2019, 2020). No primeiro nível, encontramos autores que apenas “evocam” a lente da ecologia das mídias, utilizando o conceito de maneira superficial, sem maiores especificações. No segundo nível, os autores são mais explícitos quanto aos componentes que constituem as ecologias midiáticas, embora ainda não se engajem conceitualmente com as teorizações ecológicas. No terceiro nível, há um reconhecimento explícito e um engajamento mais profundo com as teorias da ecologia das mídias.

Os estudos do primeiro nível incluem as reflexões de Darmon (2013) sobre dispositivos portáteis, como smartphones e redes sociais, que se mesclam com canais de mídia de massa mais tradicionais, criando assim “novas ecologias das mídias” (p. 1). No contexto das revoltas árabes, outros autores apontaram a existência de “ecologias das mídias híbridas”, formadas a partir da combinação entre tecnologias midiáticas antigas e novas (Robertson, 2013; Wilson & Dunn, 2011). Com foco no ativismo midiático durante os protestos do G20 no Canadá, Poell e Borra (2012) abordaram criticamente a formação de uma “ecologia das mídias ativista nas redes sociais” (p. 700). De maneira semelhante, em relação às mobilizações do movimento Occupy Wall Street nos Estados Unidos, Thorson et al. (2013) falam de “uma ecologia midiática frouxamente articulada” (p. 421), na qual materiais digitais circulavam por diferentes plataformas de mídia social. Esses exemplos, via de regra, não oferecem mais detalhes sobre a composição dessas ecologias midiáticas, nem aprofundam as implicações do uso do conceito.

As abordagens de segundo nível demonstram uma apreciação mais articulada dos elementos que definem essas ecologias midiáticas. Por exemplo, Srinivasan e Fish (2011) utilizaram o conceito para descrever as revoltas no Quirguistão em 2010, nas quais uma multiplicidade de plataformas digitais foi combinada com canais midiáticos de baixa tecnologia, inspirando o estabelecimento de redes comunitárias e a coordenação popular “por meio da remediação de mensagens através de cartazes, megafones e boca a boca” (p. 3). A análise dos autores evidencia a habilidade dos ativistas em navegar com destreza por essas ecologias midiáticas, transformando suas narrativas locais de protesto em discursos transnacionais que informavam múltiplos públicos. Isso também foi possível devido ao papel das redes de mídia tradicional, como CNN, Free Speech TV e Al Jazeera, que retransmitiram conteúdos da mídia cidadã produzida por ativistas. Em especial, o papel da Al Jazeera foi crucial, tanto na construção de alianças com ativistas das redes sociais quanto no uso da mídia digital para compartilhar informações por meio de transmissões ao vivo pela

internet e acordos de retransmissão com redes de satélite sem fins lucrativos sediadas nos Estados Unidos.

De forma semelhante, no estudo sobre os protestos na Praça Tahrir, no Egito, Tufekci e Wilson (2012) defenderam a necessidade de ir além de um foco reducionista nas revoluções das redes sociais e em plataformas específicas, sugerindo, ao contrário, que a infraestrutura de conectividade desses eventos fosse compreendida como uma ecologia midiática complexa e entrelaçada. Essa ecologia, conforme ilustram os pesquisadores, é composta por três elementos inter-relacionados: canais de TV via satélite, como a Al Jazeera, com seu papel na formação de um novo tipo de esfera pública no mundo árabe; plataformas de mídia social, como Facebook e Twitter, que reconfiguram a infraestrutura da conectividade social; e dispositivos móveis, com sua capacidade de comunicação dispersa e de fomentar práticas de jornalismo cidadão.

#### **QUATRO PRINCIPAIS TEORIAS DA ECOLOGIA DAS MÍDIAS MOBILIZADAS NOS ESTUDOS SOBRE MOVIMENTOS E ATIVISMO**

Os estudos de terceiro nível se engajam de maneira explícita com diferentes teorias da ecologia das mídias. A variedade de abordagens nesse campo tem sido suficientemente ampla a ponto de justificar revisões bibliográficas dedicadas (Lyle et al., 2020; Wang et al., 2017), cujo objetivo tem sido exclusivamente sintetizar as contribuições, limitações e direções futuras desse arquipélago de teorias. No entanto, em minhas próprias revisões da literatura (Treré, 2019, 2020), constatei que estudiosos interessados em ativismo digital e movimentos sociais têm recorrido, principalmente, a quatro perspectivas conceituais: a teoria do meio, a ecologia da informação, as ecologias comunicativas e a concepção de ecologias midiáticas segundo Guattari e Fuller. A seguir, farei uma breve apresentação de cada uma dessas abordagens e, posteriormente, examinarei estudos do campo MovAct que se fundamentam em tais teorias.

A teoria do meio, também conhecida como Escola de Toronto da ecologia das mídias, está associada a pensadores influentes como Marshall McLuhan, Harold Innis, Neil Postman e — mais recentemente — Lance Strate, Joshua Meyrowitz e Carlos Scolari. Essa vertente entende os meios de comunicação como ambientes constituídos por tecnologias que coexistem, coevoluem e são atravessadas por processos de sobrevivência e extinção. Teóricos da ecologia das mídias se interessam por como as sociedades se transformam a partir da introdução de um novo meio e, por isso, desenvolvem um foco significativo em história cultural e comparada (Clark, 2016). De acordo com Strate (2016), a compreensão dos meios na teoria do meio abrange um espectro muito mais

amplo de fenômenos do que outras tradições de pesquisa. Além disso, essa escola é caracterizada por seu interesse nos vieses, efeitos e ambientes midiáticos. Em sua análise sobre o papel da mídia cidadã, Kahn e Kellner (2004) referem-se à tradição da Escola de Toronto e à sua visão dos meios como ambientes. O objetivo dos autores é expandir o conceito de ecologia das mídias para abarcar novas tecnologias, ao mesmo tempo, em que propõem uma reconceitualização crítica e reconstrutiva das ecologias midiáticas. Ambos são críticos em relação ao uso corporativo e hegemônico das tecnologias pelos meios tradicionais e defendem uma abordagem reconstrutiva que promova apropriações tecnológicas voltadas à justiça social e política.

Em contraste com essas macronarrativas sobre as transformações midiáticas — que caracterizam a Escola de Toronto —, a teoria da ecologia da informação adota uma microabordagem baseada nas práticas, concebendo a ecologia como “um sistema de pessoas, práticas, valores e tecnologias em um ambiente local específico”, enfatizando “não a tecnologia, mas as atividades humanas que são viabilizadas por ela” (Nardi & O’Day, 1999, p. 49). Autores como Treré (2011, 2012), Barassi (2015) e Barranquero e Barbas (2022) recorrem a essa perspectiva para conectar as práticas, os imaginários e as culturas dos ativistas às pregnâncias materiais das tecnologias. Suas pesquisas evidenciam como manifestantes escolhem suas tecnologias com base em percepções sobre os riscos de vigilância e de mercantilização inerentes às plataformas digitais corporativas. No entanto os ativistas frequentemente utilizam as redes sociais corporativas de maneira crítica, criativa e inesperada.

Por exemplo, eles recorrem simultaneamente a redes de mídias autônomas *on-line* e *off-line* que, apesar de suas capacidades mais limitadas, podem garantir seu anonimato e proteger seus direitos digitais sem mercantilizar suas ações. Em sua exploração do ativismo de mídias lentas do Movimento dos Pensionistas, Barranquero e Barbas (2022) combinam Nardi e O’Day (1999) e Treré (2019) para destacar a abordagem pragmática e não idealizada das tecnologias de comunicação nas práticas midiáticas híbridas dos idosos espanhóis.

A perspectiva da ecologia comunicativa lança luz sobre a exploração do contexto local da comunicação (Hearn & Foth, 2007) e entende a ecologia como um ambiente de agentes conectados de várias maneiras por trocas de formas de comunicação mediadas e não mediadas, ao longo de camadas tecnológicas, sociais e discursivas (Tacchi et al., 2003), abrangendo a totalidade das tecnologias nas quais as pessoas estão imersas (Ito, 2009). O estudo de Peebles e Mitchell (2007) sobre os protestos em torno da cúpula da Organização Mundial do Comércio de 1999 se baseia nessa lente conceitual (Tacchi et al., 2003). Os estudiosos iluminam as três camadas interconectadas da ecologia das mídias para entender

as dinâmicas organizacionais dentro das redes ativistas e articular os temas de comunicação que emergiram das discussões entre os ativistas.

Inspirado no trabalho de Félix Guattari, Fuller criticou o uso da metáfora ambiental da teoria dos meios, pois sugere “um estado de equilíbrio”, tornando as ecologias midiáticas estáticas. Em contraste, ele as define em termos de “uma inter-relação dinâmica de processos e objetos, seres e coisas, padrões e matéria” (Fuller, 2005, p. 2). Feigenbaum et al. (2013) tomaram emprestada a linguagem da ecologia das mídias para explicar as múltiplas relações entre atores sociais, coisas e condições ambientais no contexto de acampamentos de protesto. O foco de Guattari no valor político das ecologias midiáticas permite a esses autores ir além de uma mera concepção ambiental das ecologias das mídias e colocar o social e o político no centro do pensamento ecológico. Esses estudiosos sugerem que um ponto de vista ecológico pode transformar as maneiras pelas quais os próprios protestantes pensam sobre suas posições e interações dentro da ecologia das mídias. Isso, os autores afirmam, pode permitir que eles “naveguem nas maneiras em que as ideologias dos movimentos sociais são trocadas e levadas à reprodução das infraestruturas e práticas dos acampamentos de protesto” (Feigenbaum et al., 2013, p. 72). Assim, essas ecologias midiáticas aparecem como ambientes multifacetados onde os ativistas são capazes de criar, inventar e experimentar com tecnologias midiáticas.

À primeira vista, pode parecer que existem mais diferenças do que semelhanças entre essas tradições ecológicas. A teoria dos meios, em particular, tem sido amplamente criticada por seu determinismo tecnológico por autores como Williams (1974), pelos proponentes da abordagem da “Construção Social da Tecnologia” (MacKenzie & Wajcman, 1999) e — mais recentemente — pela teoria da midiatização (Hepp, 2013). Assim, poderia parecer deslocada entre lentes conceituais mais voltadas ao estudo de práticas, envolvimento e ambientes midiáticos situados socialmente. No entanto uma análise mais profunda revela que a teoria dos meios compartilha com as demais abordagens a atenção à materialidade da tecnologia e um olhar holístico sobre as interações e a evolução dos meios de comunicação. Como argumentei extensamente (Treré, 2019, 2020), em vez de insistirmos obstinadamente nas divergências entre esses marcos ecológicos (ou tentarmos eleger um “vencedor” definitivo que venha a suplantá-los), devemos nos concentrar em reconhecer de forma produtiva suas interseções e nos apoiar em suas forças combinadas em nossos empreendimentos de pesquisa. Embora a ênfase dada à macro ou microdimensão e o valor político atribuído às ecologias variem entre essas perspectivas, o olhar ecológico que delas emana nos convida a ir além das manifestações específicas dos meios. Esse olhar nos impulsiona a reconhecer as complexidades e multiplicidades comunicativas dos

fenômenos sociais, culturais e políticos por meio da exploração de constelações variáveis, emaranhamentos, interconexões e evoluções de mídias e pessoas ao longo do tempo e do espaço. Em outras palavras, esse olhar permite que os estudiosos compreendam como os ativistas buscam justiça social e mudança política “por qualquer meio necessário” (Jenkins et al., 2016).

É esse impulso holístico que tem inspirado os estudiosos do MovAct a se apoiarem no olhar da ecologia das mídias em suas análises sobre o nexos entre mídias e movimentos. Na próxima seção, revisaremos as principais descobertas dessa área emergente de investigação.

## PRINCIPAIS DESCOBERTAS DE ESTUDOS QUE ADOTAM O OLHAR DA ECOLOGIA DAS MÍDIAS

O olhar da ecologia das mídias abriu novas fronteiras para a pesquisa sobre ativismo digital e movimentos sociais, permitindo a inclusão de uma variedade mais ampla e diversificada de práticas, atores e tecnologias. Essa abordagem expande os limites dos fenômenos sociotécnicos considerados parte da conversa acadêmica sobre mídias e ativismo.

Inspirados pelas teorias da ecologia das mídias, pesquisadores têm refletido sobre o papel e as reconfigurações dos documentários independentes no ativismo contemporâneo (Lekakis, 2017), a relevância persistente dos corpos nos protestos recentes (Boler et al., 2014) e chegaram até a conceituar a alimentação como um meio de comunicação (Giraud, 2017). Esse olhar tem contribuído para o avanço de pesquisas sobre o que Feigenbaum (2014) denominou como as “outras mídias” do ativismo. Isso inclui, por exemplo, o papel das barracas nos acampamentos de protesto ou os “atos performativos off-line de memória e protesto” identificados em estudos recentes que articulam memória, ativismo e ambientes digitais (Dufays et al., 2021, p. 71).

A maleabilidade da teoria da ecologia das mídias possibilita florescer pesquisas interdisciplinares que observam o nexos mídia–movimento com um olhar renovado, desafiando as restrições dos estudos convencionais sobre movimentos sociais e estabelecendo conexões ousadas com — entre outras áreas — os estudos da memória e do cinema, as perspectivas feministas e as artes e humanidades.

Outra de suas contribuições tem sido o deslocamento da atenção, nos relatos sobre apropriações tecnológicas por movimentos sociais, de uma fixação nas novas mídias para o estudo das inter-relações entre mídias antigas e novas. Assim, os estudiosos passaram a lançar luz sobre as formas como as mídias tradicionais vêm sendo reconfiguradas pelos ativistas em suas práticas de protesto



e utilizadas em conjunto com as novas mídias, além de enfatizarem a relevância contínua das mídias antigas em contextos sociopolíticos específicos.

Por exemplo, em seu estudo sobre o movimento estudantil italiano *Anomalous Wave*<sup>1</sup>, Treré (2012) analisou a importância política central das listas de discussão por e-mail utilizadas por coletivos estudantis. Enquanto diversos jornais e acadêmicos italianos concentravam-se de forma desproporcional no potencial revolucionário das redes sociais mais recentes, o estudo de Treré ilustra como uma ferramenta digital de primeira geração teve um papel fundamental tanto na organização quanto na construção da identidade coletiva do movimento — muito mais significativo do que plataformas como Facebook e Twitter.

De maneira semelhante, Bonini (2017) evidencia a importância das rádios nos protestos ocorridos na Turquia em 2013. O pesquisador italiano analisou o papel desempenhado pela Açık Radyo, a única estação de rádio independente e sustentada por ouvintes em Istambul, durante as mobilizações no Parque Gezi. Ele conclui que o rádio não perdeu seu valor como uma mídia alternativa poderosa, mas teve sua função reconfigurada dentro de uma ecologia de mídias em constante expansão. A Açık Radyo integrou-se às mídias sociais para continuar amplificando discursos políticos radicais, ao mesmo tempo que possibilitou o florescimento de redes de ativistas.

Outro exemplo é o estudo etnográfico comparativo das ecologias midiáticas de diversas organizações políticas na Espanha e no Reino Unido, realizado por Barassi (2013). Barassi destacou a relevância política persistente das revistas impressas. Assim como as listas de e-mail e o rádio, nos exemplos anteriores, essas formas tradicionais de mídia alternativa não estão em extinção, mas estão redefinindo seus papéis e competindo com as novas plataformas digitais nas ecologias midiáticas que caracterizam o ativismo contemporâneo.

Como se evidencia nessas análises, os estudos que se baseiam no olhar da ecologia das mídias estão, em geral, interessados em observar transições, deslocamentos, abandonos, ajustes e reconfigurações das tecnologias e práticas midiáticas. Um exemplo claro disso é a análise de Giraud (2014) sobre as transformações ocorridas no Indymedia, uma das redes de mídia radical mais emblemáticas surgidas no final da década de 1990 e estreitamente vinculada ao movimento pela justiça global.

Devido à disseminação das mídias sociais corporativas, os centros do Indymedia entraram em declínio na década de 2010. No entanto Giraud demonstra que o Indymedia não desapareceu por completo e continua a desempenhar uma função arquivística dentro de uma ecologia de mídias em expansão, caracterizada por novas plataformas digitais agora utilizadas para coordenar ações políticas mais urgentes. Essa transição para a valorização das interações

<sup>1</sup> Em português seria “Onda Anômala”.



dinâmicas entre práticas midiáticas antigas e novas também estimulou um interesse renovado pelo conceito e pelas implicações da noção de hibridez, tanto nas formas convencionais quanto nas não convencionais da política mediada (Ardizzoni, 2015; Chadwick, 2017; Dahlberg-Grundberg, 2016; Dennis et al., 2016; Iannelli & Giglietto, 2015; Jenkins et al., 2016; Russell, 2017; Treré, 2019; Treré & Yu, 2021).

Estudos que adotam o olhar ecológico podem ser situados dentro do que Iannelli (2016) denominou como pesquisa em “políticas híbridas”. Essa área emergente e multifacetada de investigação critica tanto a fetichização da novidade tecnológica quanto as concepções tradicionais baseadas em uma única lógica midiática dominante na produção de notícias políticas (Altheide & Snow, 1979). Os autores que integram esse campo acadêmico adotam, em contrapartida, uma perspectiva holística, que mapeia inter-relações abertas e, muitas vezes, imprevisíveis entre múltiplas lógicas, formatos, canais e atores, em diferentes contextos sociopolíticos.

Nesse mesmo sentido, outra contribuição central do olhar ecológico foi deslocar os estudos do MovAct do fascínio pela esfera on-line para a análise do entrelaçamento híbrido e dinâmico entre espaços físicos e digitais. Estudos relevantes sobre ativismo no início dos anos 2000 estavam particularmente interessados no potencial do ambiente digital e no surgimento de repertórios de contestação *on-line*. Por exemplo, McCaughey e Ayers (2003), em uma importante coletânea sobre ciberativismo, expressaram preocupação com o possível desaparecimento do corpo nas novas formas de protesto virtual.

Essa reflexão alinhava-se ao enfoque de outros pesquisadores na virtualidade da contestação e a uma concomitante diminuição da atenção aos espaços físicos, contextos sociais e experiências corporificadas dos movimentos sociais. Esse encantamento pela virtualidade, evidentemente, não se restringia ao campo do ativismo, mas ressoava com um contexto mais amplo de fascinação social pela realidade virtual e seu imaginário de possibilidades infinitas, além das limitações impostas pelos corpos e pelo mundo material.

Esse imaginário, moldado por narrativas de ficção científica e discursos corporativos, também permeou reflexões acadêmicas sobre os novos horizontes do ciberprotesto, alimentando aquilo que a pesquisadora de movimentos sociais, Merlyna Lim (2015, p. 118), denominou de “falácia do dualismo espacial”. Tal falácia sustenta que os espaços físicos e digitais são distintos e, portanto, podem ser analisados separadamente. Ela permeou grande parte das análises sobre ativismo no início dos anos 2000, retratando as atividades de protesto e a ação coletiva como práticas que estariam, de certa forma, progressivamente desvinculadas da materialidade dos espaços físicos.

Pesquisas recentes inspiradas pelo olhar ecológico não tratam os domínios *on-line* e *off-line* como esferas separadas, mas buscam, ao contrário, examinar as complexidades do “espaço ciberurbano” (Lim, 2015), isto é, o entrelaçamento entre os espaços digitais e físicos (Barranquero & Barbas, 2022; Farinosi & Treré, 2010; Lekakis, 2017; Lim, 2015, 2018; Treré, 2018). Elas propõem a seguinte indagação: como os movimentos e manifestantes contemporâneos navegam por esse espaço enquanto ambiente socialmente construído, “produzido na interação e dentro de um continuum de relações *on-line* e *off-line*” (Lim, 2015, p. 118)? O foco, nesse caso, recai sobre as formas específicas pelas quais os atores sociais atribuem sentido a essa interação em diferentes contextos políticos, bem como sobre as motivações e fatores que conduzem os ativistas a escolher determinadas constelações tecnológicas (Liu, 2021). Conforme observam Foust e Hoyt (2018), “a ecologia da mídia pode ser compreendida como o entrelaçamento da geosfera (paisagem material) e da infosfera (ação simbólica e fluxos de informação)” (p. 48). Esse enfoque alinha-se ao que Ardizzoni (2015) denomina “ativismo matricial”, um arcabouço conceitual que “nos permite explicar a natureza híbrida das novas formas de dissidência e resistência, situadas na interseção entre o alternativo e o convencional, o sem fins lucrativos e o corporativo, o individual e o social, a produção e o consumo, o *on-line* e o *off-line*” (p. 1086).

Por fim, outra contribuição central do olhar ecológico tem sido a de evidenciar as ambivalências e ambiguidades do ativismo digital no que diz respeito à apropriação das plataformas de mídias sociais corporativas. Por exemplo, Harlow (2016), em sua etnografia do grupo ativista Salvadoran e da campanha Todos Somos Água, demonstrou que as mídias sociais — especialmente o Facebook — foram reconfiguradas como uma forma de mídia ativista alternativa em El Salvador.

Harlow ilustra que o Facebook ofereceu um espaço que possibilitou às pessoas com visões não hegemônicas expressar opiniões e compartilhar informações sobre mineração, contaminação da água e outras questões sociais que, de outro modo, não chegariam ao conhecimento do público. Seus entrevistados viam o Facebook como um território midiático reconquistado pelos jovens, cujas vozes são normalmente excluídas das mídias mais convencionais. Assim, sua análise evidencia que, por meio de uma lente ecológica da mídia, é possível examinar de forma mais eficaz como, apesar das persistentes desigualdades digitais, as mídias sociais podem ser (re)apropriadas de modos não hegemônicos.

Esses achados ecoam na análise de Treré sobre as práticas e os imaginários tecnopolíticos do movimento 15M na Espanha (2019), no qual plataformas digitais corporativas, como o Twitter, foram habilmente apropriadas pelos manifestantes para maximizar sua visibilidade e disseminar suas narrativas,

gerando um novo tipo de resistência algorítmica. No entanto, os ativistas do 15M continuaram, simultaneamente, a construir suas próprias redes, softwares e infraestruturas autônomas, que coexistiram com essas apropriações táticas de plataformas corporativas. Por meio de explorações ecológicas, esses estudos revelam as ambiguidades na convivência entre infraestruturas alternativas e hegemônicas, bem como os usos contra-hegemônicos que podem emergir no contexto do protesto digital (para uma análise similar no contexto político mexicano, ver Pool, 2022). Eles desafiam suposições maniqueístas e naturalizadas sobre a natureza das contestações contemporâneas, favorecendo, em vez disso, o exame das contradições historicamente definidas e dependentes do contexto que envolvem o ativismo digital e o poder das mídias sociais.

## DESAFIOS E ÁREAS DE DIVERGÊNCIA

Como podemos definir uma ecologia midiática e quais elementos a compõem? Conforme revelado em minha análise anterior sobre o engajamento dos estudos de MovAct com esse termo, esse ponto, simples, mas fundamental, frequentemente não é claramente articulado — especialmente naqueles relatos que se apoiam em uma leitura mais superficial da metáfora ecológica. Alguns autores incluem uma variedade mais ampla de práticas midiáticas, enquanto outros se concentram mais especificamente em ecologias on-line ou exclusivamente digitais. Um risco evidente das abordagens ecológicas superficiais é o de que a ecologia midiática seja apenas evocada, sem que seus componentes sejam cuidadosamente desvelados. Essa é uma tendência que também observei em ensaios de estudantes ou pesquisadores em início de carreira que recorrem a essa abordagem pela primeira vez.

Por vezes, o olhar ecológico é utilizado apenas para listar um conjunto de tecnologias, sem qualquer aprofundamento sobre as motivações dos ativistas, os entrelaçamentos evolutivos entre atores humanos e não humanos, o papel de uma prática midiática específica dentro da ecologia e em relação a um determinado contexto sociopolítico, as *affordances* e a arquitetura geral das plataformas digitais, entre outros aspectos.

Uma exploração ecológica deve ser sempre densa e profunda; do contrário, corre o risco de se tornar apenas uma declaração de variedade — que, embora represente um passo inicial necessário, não pode substituir uma investigação mais robusta. O risco oposto também merece atenção: enxergar complexidade sociomaterial nas práticas ativistas mesmo quando ela não existe (Rodríguez, 2017). Por exemplo, alguns coletivos podem basear-se exclusivamente na produção de vídeos e utilizar apenas poucos meios de comunicação, como

uma rádio comunitária ou um coletivo de vídeo. Nesses casos, o uso da lente da ecologia midiática pode não representar a melhor opção dentro de nosso repertório conceitual.

Nadler (2019) tem sido um crítico contundente do uso das metáforas de ecologia das notícias e ecossistemas no campo do jornalismo digital. Segundo ele:

A metáfora do ecossistema passou a ser utilizada de forma a sugerir que os sistemas de notícias tomam forma por meio de um princípio espontâneo de auto-organização, associado aos sistemas ecológicos. ... A metáfora pode obscurecer as escolhas políticas que tornam possível às sociedades construir sistemas de mídia digital que reflitam valores mais ou menos igualitários e democráticos. (p. 825)

Nos estudos de MovAct, esse risco tem sido, em grande parte, evitado por meio da ênfase na natureza política dessas ecologias midiáticas e do enraizamento de suas análises nos contextos sociais concretos em que elas emergem e se desenvolvem. No entanto trata-se de um perigo que os pesquisadores devem reconhecer e que abordagens ecológicas superficiais podem enfrentar, caso não aprofundem suficientemente as dinâmicas políticas dos sistemas midiáticos híbridos.

#### **MINHA REFLEXÃO COMO PESQUISADOR SOBRE O TEMA: UM OLHAR ECOLÓGICO FLEXÍVEL E IMPURO**

Venho desenvolvendo uma abordagem de ecologia midiática aplicada aos movimentos sociais e ao ativismo ao longo dos últimos quinze anos, inicialmente em minha pesquisa de doutorado, iniciada em 2008 (Treré, 2011), e, posteriormente, por meio de diversos projetos em diferentes países. Compreendo a ecologia midiática como um olhar, um convite para observar de maneira holística as complexidades situadas na interseção entre política e tecnologias da mídia. Cheguei à conclusão de que a variedade de abordagens nesta área (e, por vezes, o caos criativo que dela resulta) é, de certo modo, inevitável — e talvez até desejável. Como pesquisadores, o que podemos fazer é delinear um conjunto de recomendações conceituais e lições empíricas provenientes do campo, mas não creio que devamos ser excessivamente prescritivos. O risco de uma rigidez excessiva quanto aos elementos que devem compor a ecologia e às teorias que devem ser consideradas na análise pode dificultar o desenvolvimento de relatos originais e inesperados — justamente aquilo que a lente da ecologia midiática busca promover e incentivar.

O pesquisador de mídias alternativas Alfonso Gumucio Dagron (2007) criticou aqueles acadêmicos que insistem em focar na suposta pureza das mídias cidadãs, enfatizando, em vez disso, sua impureza e riqueza. Ele acrescenta que uma rotulação terminológica precisa dessas experiências frequentemente serve apenas a propósitos acadêmicos, podendo acabar por excluir outros projetos que não se enquadram nas definições preestabelecidas. Embora alguns autores defendam uma delimitação mais clara de fenômenos como mídia alternativa e ativismo digital, concordo com Gumucio Dagron ao considerar que essa área emergente de investigação tem se beneficiado enormemente de sua flexibilidade e abertura interpretativa, o que tem contribuído para a revelação de novos horizontes investigativos. Um desses horizontes é a exploração das práticas de desconexão e das formas pelas quais ativistas utilizam deliberadamente a desconexão como forma de resistência (Kaun & Treré, 2020; Natale & Treré, 2020) no contexto de nossas sociedades saturadas de mídia. Esse tipo de pesquisa desafia compreensões convencionais que concebem, necessariamente, os ativistas como indivíduos hiperconectados e a conectividade como uma força intrinsecamente positiva. Não tenho certeza de que esse tipo de reflexão teria emergido caso tivéssemos sido excessivamente específicos em relação ao que deveria ser incluído nas ecologias. O que deve ser aprimorado, no entanto, é o nosso engajamento com a teoria da ecologia midiática e o desenvolvimento de pesquisas interculturais nesse campo, capazes de informar e enriquecer essas compreensões. Como e por que devemos comparar diferentes ecologias ao longo do tempo e do espaço, e como dar conta das variações, requer um certo grau de mapeamento e especificação — ainda que devamos permanecer sempre abertos às diferenças e variações, preparados para nos surpreender e nos encantar com novas descobertas.

### **PRIORIDADES CENTRAIS PARA PESQUISAS FUTURAS SOBRE O OLHAR DA ECOLOGIA MIDIÁTICA E O ATIVISMO**

Inspirados na obra de John Dewey, os estudos em ecologia midiática têm considerado as consequências ambientais das tecnologias de mídia (Lopez, 2012; Maxwell & Miller, 2012). Em sua revisão da teoria da ecologia midiática, Clark (2016) demonstra que essas abordagens desafiaram o mito das tecnologias “limpas”, revelando problemas relacionados ao lixo tecnológico. A Escola de Toronto, por sua vez, jamais aprofundou verdadeiramente as consequências ambientais dos meios de comunicação, mas novos estudos no campo da ecologia midiática advogam por uma “ecologia midiática materialista” ou uma “ecologia midiática profunda” (Arroyave-Cabrera & Miller, 2017) nas quais as inter-relações

com o mundo natural ocupam posição central (ver também Oricchio, 2021). As abordagens de ecologia midiática nos estudos MovAct precisam seguir esse caminho e começar a prestar atenção, de forma séria, à interdependência entre seres humanos, tecnologias e o meio ambiente. Uma tentativa promissora de combinar tecnopolítica, ecologias midiáticas e lutas ecossociais em um contexto de hibridez comunicativa é representada por um estudo recente sobre a *hashtag* #SOSPuebloShuar no Twitter (Vanegas Toala et al., 2020). Essa é uma área fundamental para pesquisas futuras, que poderia, por exemplo, analisar os movimentos sociais ambientais e suas interações com os meios de comunicação, ao mesmo tempo, em que examina as consequências ambientais (e a consciência ecológica) dessas intervenções. Outra linha de investigação que vem sendo desenvolvida não se limita às ecologias midiáticas criadas pelos ativistas, mas também observa as mudanças que os movimentos sociais provocam na criação, evolução e desenvolvimento de ecologias midiáticas mais amplas — entendidas como interações entre diferentes meios e dispositivos de comunicação. Um exemplo claro disso é o caso do movimento 15M na Espanha. Conforme demonstram Flesher Fominaya e Gillan (2017, p. 391), o movimento espanhol não apenas se baseou em uma ecologia multidimensional de tecnologias,

mas ofereceu uma base de apoio e um impulso para o desenvolvimento de diversas iniciativas midiáticas críticas que buscaram colocar em prática modelos alternativos de negócio em comunicação. ... Embora algumas dessas iniciativas já existissem antes do 15M ..., a oferta e a demanda por mídias críticas independentes aumentaram em um círculo virtuoso ... alterando, assim, a ecologia midiática da comunicação política na Espanha.

Isso abre o campo para a análise das contribuições dos movimentos sociais (e de suas ecologias midiáticas) no estabelecimento e florescimento de novos ecossistemas de mídias alternativas, bem como na posterior transformação de sistemas midiáticos híbridos mais amplos (Barbas & Treré, 2023). Outra área promissora de pesquisa diz respeito às alianças entre atores humanos e não humanos dentro das ecologias midiáticas. Dada a crescente importância do poder algorítmico para os ativismos digitais e de dados contemporâneos (Milan, 2015), o estudo da modelagem mútua entre movimentos sociais e algoritmos (Treré, 2019) deve se tornar uma prioridade tanto para pesquisadores quanto para acadêmicos. Para compreender melhor a complexidade comunicativa dos movimentos sociais e do ativismo, todos os esforços futuros no campo da ecologia midiática deverão desenvolver pesquisas interdisciplinares e multidisciplinares, estabelecendo colaborações frutíferas com disciplinas tão variadas

quanto a cartografia crítica, a arquitetura, as artes, o design, os estudos sobre desconexão, entre muitas outras. A maleabilidade desse olhar precisa ser preservada e incentivada para que se possa capturar os desenvolvimentos tecnológicos futuros dentro dessa empolgante e mutável área de investigação que é a política não convencional. ■

## LEITURA COMPLEMENTAR

### Sobre Teoria da Ecologia das Mídias

- Clark, L. S. (2016). Media ecology theory. In K. B. Jensen & R. T. Craig (Eds.), *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*. Wiley Blackwell.
- Scolari, C. A. (2012). Media ecology: Exploring the metaphor to expand the theory. *Communication Theory*, 22(2), 204–225. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2012.01404.x>
- Scolari, C. A. (2023). *On the evolution of media: Understanding media change*. Routledge.
- Strate, L. (2016). Media ecology. In K. B. Jensen & R. T. Craig (Eds.), *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy: Vol. 1* (pp. 1159–1167). Wiley Blackwell.

### Sobre Teoria da Ecologia das Mídias

- Barassi, V. (2015). *Activism on the web: Everyday struggles against digital capitalism*. Routledge.
- Foust, C. R. & Hoyt, K. D. (2018). Social Movement 2.0: Integrating and assessing scholarship on social media and movement. *Review of Communication*, 18(1), 37–55. <https://doi.org/10.1080/15358593.2017.1411970>
- Mercea, D., Iannelli, L., & Loader, B. (2016). Protest communication ecologies. *Information, Communication & Society*, 19(3), 279–289. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1109701>
- Treré, E. (2019). *Hybrid media activism: Ecologies, imaginaries, algorithms*. Routledge.
- Treré, E. (2020). Media ecologies. In L. Pérez-González, B. Blaagaard, & M. Baker (Eds.), *The Routledge Encyclopaedia of Citizen Media* (pp. 231–237). Routledge.
- Treré, E. and Mattoni, A. (2016). Media ecologies and protest movements: Main perspectives and key lessons. *Information, Communication & Society*, 19(3), 290–306. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1109699>



## REFERÊNCIAS

- Altheide, D. L., & Snow, R. P. (1979). *Media logic*. Sage.
- Ardizzoni, M. (2015). Matrix activism: Media, neoliberalism, and social action in Italy. *International Journal of Communication*, 9(18), 1072–1089.
- Arroyave-Cabrera, J. A., & Miller, T. (2017). Da ecologia de mídia à ecologia profunda de mídia: Esclarecer a metáfora e visibilizar o seu impacto no meio ambiente. *Palabra Clave*, 20(1), 239–268. <https://doi.org/10.5294/pacla.2017.20.1.11>
- Barassi, V. (2013). When materiality counts: The social and political importance of activist magazines in Europe. *Global Media and Communication*, 9(2), 135–151. <https://doi.org/10.1177/1742766513479717>
- Barassi, V. (2015). *Activism on the web: Everyday struggles against digital capitalism*. Routledge.
- Barbas, Á., & Treré, E. (2023). The rise of a new media ecosystem: Exploring 15M's educommunicative legacy for radical democracy. *Social Movement Studies*, 22(3), 381–401. <https://doi.org/10.1080/14742837.2022.2070738>
- Barranquero, A., & Barbas, Á. (2022). The slow media activism of the Spanish pensioners' movement: Imaginaries, ecologies, and practices. *International Journal of Communication*, 16, 1990–2014. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17808>
- Boler, M., Macdonald, A., Nitsou, C., & Harris, A. (2014). Connective labor and social media: Women's roles in the 'leaderless' Occupy movement. *Convergence*, 20(4), 438–460. <https://doi.org/10.1177/1354856514541353>
- Bonini, T. (2017). Twitter or radio revolutions? The central role of Açık Radyo in the Gezi protests of 2013. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 12(2), 1–17. <https://doi.org/10.16997/wpsc.232>
- Chadwick, A. (2017). *The hybrid media system: Politics and power* (2nd ed.). Oxford University Press.
- Clark, L. S. (2016). Media ecology theory. In K. B. Jensen & R. T. Craig (Eds.), *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy: Vol. 4*. Wiley Blackwell.
- Dahlberg-Grundberg, M. (2016). Technology as movement: On hybrid organizational types and the mutual constitution of movement identity and technological infrastructure in digital activism. *Convergence*, 22(5), 524–542. <https://doi.org/10.1177/1354856515577921>
- Darmon, K. (2013). Introduction: Protest in the new media ecology. *Networking Knowledge: Journal of the MeCCSA Postgraduate Network*, 6(3). <https://doi.org/10.31165/nk.2013.63.301>

- Dennis, J. W., Chadwick, A., & Smith, A. P. (2016). Politics in the age of hybrid media: Power, systems, and media logics. In A. Bruns, G. Enli, E. Skogerbø, A. Olof Larsson & C. Christensen. (Eds.), *Routledge Companion to Social Media and Politics* (pp. 7–22). Routledge.
- Dufays, S., Zicari, M., Mandolessi, S., & Cardoso, B. (2021). Twitter as a mnemonic medium from an ecological perspective: Ayotzinapa and the memory of Tlatelolco in Mexico. *History and Memory*, 33(2), 46–79.
- Farinosi, M., & Treré, E. (2010). Inside the “People of the Wheelbarrows”: Participation between online and offline dimension in the post-quake social movement. *Journal of Community Informatics*, 6(3). <https://doi.org/10.15353/joci.v6i3.2545>
- Feigenbaum, A. (2014). Resistant matters: Tents, tear gas and the “other media” of Occupy. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 11(1), 15–24.
- Feigenbaum, A., Frenzel F., & McCurdy, P. (2013). *Protest Camps*. Zed Books.
- Flesher Fominaya, C., & Gillan, K. (2017). Navigating the technology-media-movements complex. *Social Movement Studies*, 16(4), 383–402. <https://doi.org/10.1080/14742837.2017.1338943>
- Foust, C. R., & Hoyt, K. D. (2018). Social Movement 2.0: Integrating and assessing scholarship on social media and movement. *Review of Communication*, 18(1), 37–55. <https://doi.org/10.1080/15358593.2017.1411970>
- Fuller, M. (2005). *Media Ecologies: Materialist Energies in Art and Technoculture*. MIT Press.
- Giraud, E. (2014). Has radical participatory online media really “failed”? Indymedia and its legacies. *Convergence*, 20(4), 419–437. <https://doi.org/10.1177/1354856514541352>
- Giraud, E. (2017). Displacement, “failure” and friction. In T. Schneider, K. Eli, C. Dolan, & S. Ulijaszek (Eds.), *Digital Food Activism*. Routledge.
- Gumucio Dagron, A. (2007). Call me impure: Myths and paradigms of participatory communication. In L. Fuller (Ed.), *Community Media: International Perspectives* (pp. 197–207). Palgrave Macmillan.
- Harlow, S. (2016). Reconfiguring and remediating social media as alternative media: Exploring youth activists’ digital media ecology in El Salvador. *Palabra Clave*, 19(4), 997–1026. <https://doi.org/10.5294/pacla.2016.19.4.3>
- Hearn, G. N., & Foth, M. (2007). Communicative ecologies. *Electronic Journal of Communication*, 17(1–2). <http://eprints.qut.edu.au/8171/1/8171.pdf>
- Hepp, A. (2013). *Cultures of Mediatization*. Polity Press.
- Iannelli, L. (2016). *Hybrid Politics: Media and Participation*. Sage.

- Iannelli, L., & Giglietto, F. (2015). Hybrid spaces of politics: The 2013 general elections in Italy, between talk shows and Twitter. *Information, Communication & Society*, 18(9), 1006–1021. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1006658>
- Ito, M., Baumer, S., Bittanti, M., boyd, d., Cody, R., Herr Stephenson, B., Horst, H. A., Lange, P. G., Mahendran, D., Martínez, K. Z., Pascoe, C. J., Perkel, D., Robinson, L., Sims, C., & Tripp, L. (2009). *Hanging Out, Messing Around, and Geeking Out: Kids Living and Learning with New Media*. MIT Press.
- Jenkins, H., Shresthova, S., Gamber-Thompson, L., Kligler-Vilenchik, N., & Zimmerman, A. (2016). *By Any Media Necessary: The New Youth Activism*. New York University Press.
- Kahn, R., & Kellner, D. (2004). New media and internet activism: From the “Battle of Seattle” to blogging. *New Media & Society*, 6(1), 87–95. <https://doi.org/10.1177/1461444804039908>
- Kaun, A., & Treré, E. (2020). Repression, resistance and lifestyle: Charting (dis) connection and activism in times of accelerated capitalism. *Social Movement Studies*, 19(5–6), 697–715. <https://doi.org/10.1080/14742837.2018.1555752>
- Lekakis, E. J. (2017). Alternative media ecology and anti-austerity documentary: The Greekdocs archive. *Journal of Alternative & Community Media*, 2(1), 28–44. <https://hdl.handle.net/10779/uos.23442179.v1>
- Lim, M. (2015). A cyberurban space odyssey: The spatiality of contemporary social movements. *New Geographies*, 7, 117–123.
- Lim, M. (2018). Roots, routes, routers: Communications and media of contemporary social movements. *Journalism & Communication Monographs Series*, 20(2), 92–136. <https://doi.org/10.1177/1522637918770419>
- Liu, J. (2021). Technology for activism: Toward a relational framework. *Computer Supported Cooperative Work (CSCW)*, 30(5), 627–650. <https://doi.org/10.1007/s10606-021-09400-9>
- Lopez, A. (2012). *The Media Ecosystem: What Ecology Can Teach Us About Responsible Media Practice*. Evolver Editions.
- Lyle, P., Korsgaard, H., & Bødker, S. (2020). What’s in an ecology? A review of artifact, communicative, device and information ecologies. *Proceedings of the 11th Nordic Conference on Human-Computer Interaction: Shaping Experiences, Shaping Society* (pp. 1–21).
- MacKenzie, D., & Wajcman, J. (1999). *The Social Shaping of Technology*, (2nd ed.). Open University Press.
- Maxwell, R., & Miller, T. (2012). *Greening the Media*. Oxford University Press.
- McCaughy, M., & Ayers, M. (2003). *Cyberactivism: Online Activism in Theory and Practice*. Routledge.

- Milan, S. (2015). When algorithms shape collective action: Social media and the dynamics of cloud protesting. *Social Media + Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115622481>
- Nadler, A. (2019). Nature's economy and news ecology: Scrutinizing the news ecosystem metaphor. *Journalism Studies*, 20(6), 823–839. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1427000>
- Nardi, B., & O'Day, V. (1999). *Information ecologies: Using technology with heart*. MIT Press.
- Natale, S., & Treré, E. (2020). Vinyl won't save us: Reframing disconnection as engagement. *Media, Culture & Society*, 42(4), 626–633. <https://doi.org/10.1177/0163443720914027>
- Oricchio, S. (2021). Digitization of ecology and ecologization of media: Going beyond ICT environmental impact. *TECNOSCIENZA: Italian Journal of Science & Technology Studies*, 12(1), 99–116. <https://doi.org/10.6092/issn.2038-3460/17497>
- Peeples, J., & Mitchell, B. (2007). No mobs – no confusions – no tumult: Networking civil disobedience. *Electronic Journal of Communication*, 17(1–2). [www.cios.org/ejcpublish/017/1/01714.html](http://www.cios.org/ejcpublish/017/1/01714.html)
- Poell, T., & Borra, E. (2012). Twitter, YouTube, and Flickr as platforms of alternative journalism: The social media account of the 2010 Toronto G20 protests. *Journalism*, 13(6), 695–713. <https://hdl.handle.net/11245/1.353722>
- Pool, M. C. L. (2022). Ecología comunicativa del movimiento# YoPrefieroElLago: un abordaje desde los medios privados, independientes y alternativos. *Comunicación y Sociedad*, 19, 1–31. <https://doi.org/10.32870/cys.v2022.8188>
- Robertson, A. (2013). Connecting in crisis: “Old” and “new” media and the Arab Spring. *The International Journal of Press/Politics*, 18(3), 325–341. <https://doi.org/10.1177/1940161213484971>
- Rodríguez, C. (2017). Studying media at the margins: Learning from the field. In V. Pickard, & G. Yang (Eds.), *Media Activism in the Digital Age* (pp. 49–62). Routledge.
- Russell, A. (2017). *Journalism as Activism: Recoding Media Power*. John Wiley & Sons.
- Srinivasan, R., & Fish, A. (2011). Revolutionary tactics, media ecologies, and repressive states. *Public Culture*, 23(365), 505–510.
- Strate, L. (2016). Media ecology. In K. B. Jensen & R. T. Craig (Eds.), *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*. Wiley Blackwell.
- Tacchi, J., Slater, D., & Hearn, G. N. (2003). *Ethnographic Action research: A user's handbook*. Unesco.

- Thorson, K., Driscoll, K., Ekdale, B., Edgerly, S., Gamber Thompson, L., Schrock, A., Swartz, L., Vraga, E. K., & Wells, C. (2013). YouTube, Twitter and the Occupy Movement: Connecting content and circulation practices. *Information, Communication & Society*, 16(3), 421–451. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.756051>
- Treré, E. (2011). *Social movements and alternative media: The “anomalous wave” movement and the ambivalences of the online protest ecology*. Tese de Doutorado não publicada, Udine, Itália, Universidade de Udine.
- Treré, E. (2012). Social movements as information ecologies: Exploring the coevolution of multiple internet technologies for activism. *International Journal of Communication*, 6, 2359–2377.
- Treré, E. (2018). Nomads of cyber-urban space: Media hybridity as resistance. In M. Mortensen, C. Neumayer, & T. Poell (Eds.), *Social Media Materialities and Protest: Critical Reflections* (pp. 42–55). Routledge.
- Treré, E. (2019). *Hybrid media activism: Ecologies, imaginaries, algorithms*. Routledge.
- Treré, E. (2020). Media ecologies. In L. Pérez-González, B. Blaagaard, & M. Baker (Eds.), *The Routledge Encyclopaedia of Citizen Media* (pp. 231–237). Routledge.
- Treré, E., & Yu, Z. (2021). The evolution and power of online consumer activism: Illustrating the hybrid dynamics of “consumer video activism” in China through two case studies. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 65(5), 761–785. <https://doi.org/10.1080/08838151.2021.1965143>
- Tufekci, Z., & Wilson, C. (2012). Social media and the decision to participate in political protest: Observations from Tahrir Square. *Journal of Communication*, 62(2), 363–379. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1460-2466.2012.01629.x>
- Vanegas Toala, Y. V., Medina Bravo, P., & Rodrigo Alsina, M. (2020). Technopolitics, connective action and convergent activism: Emerging communication practices from ecosocial struggles. *IC: Revista Científica de Información y Comunicación*, 17, 505–532.
- Wang, X., Guo, Y., Yang, M., Chen, Y., & Zhang, W. (2017). Information ecology research: Past, present, and future. *Information Technology and Management*, 18(1), 27–39.
- Williams, R. (1974). *Television: Technology and Cultural Form*. Fontana.
- Wilson, C., & Dunn, A. (2011). The Arab Spring: Digital media in the Egyptian revolution – Descriptive analysis from the Tahrir data set. *International Journal of Communication*, 5, 1248–1272.